

A NOVA ESTRELA DO THRILLER JURÍDICO

# STEVE CAVANAGH

Eddie Flynn tem 31 horas  
para ganhar este caso,  
salvar a filha e a própria vida.

# A DEFESA

«Em parte drama judicial ao estilo de John Grisham,  
em parte filme de super-herói, este é um romance  
de estreia cheio de ação.»

*IRISH INDEPENDENT*

TOP  
SEL  
LER

*Para a Bridie e o Sam*

«Primeiro, a sentença — depois, o veredito»

*Alice no País das Maravilhas*, Lewis Carroll

## CAPÍTULO 1

— Faz exatamente o que eu te digo ou enfio-te uma bala na espinha.

Era uma voz masculina com um sotaque do leste europeu. Não detetei nela tremura alguma, nem qualquer sinal de ansiedade. O tom parecia calmo e ponderado. Não era uma ameaça; era uma declaração de intenções. Se eu não cooperasse, levava um tiro.

Senti a inequívoca pressão elétrica de um revólver comprimido contra o fundo das minhas costas. O meu primeiro instinto foi encostar-me de lado em relação ao cano da arma e girar bruscamente para a esquerda, desviando o tiro do meu corpo. O tipo era por certo destro, o que significava que se encontrava naturalmente exposto do lado esquerdo. Podia aproveitar esse espaço para me virar e dar-lhe uma cotovelada na cara, o que me proporcionaria bastante tempo para lhe torcer o pulso e enterrar-lhe a arma na testa. Velhos instintos, mas o tipo que era capaz de fazer todas essas coisas já não existia. Eu tinha-o enterrado com o meu passado. Tornara-me um frouxo. É o que acontece quando nos portamos bem e nos integramos na sociedade. Sem pressão na torneira, o tamborilar da água na porcelana esbatera-se. Senti os dedos a tremerem enquanto erguia as mãos húmidas em sinal de rendição.

— Não precisa de fazer isso, Sr. Flynn.

Ele sabia o meu nome. Agarrando-me ao lavatório, ergui a cabeça e olhei para o espelho. Nunca tinha visto aquele tipo. Alto e magro, vestia um sobretudo castanho por cima de um fato cor de carvão. Exibia um crânio rapado e uma cicatriz corria verticalmente desde o olho esquerdo até à linha do maxilar. Comprimindo com mais força o revólver contra as minhas costas, disse:

— Eu vou atrás de si, quando sairmos da casa de banho. Você veste o seu casaco. Paga o pequeno-almoço e saímos juntos. Vamos

conversar. Se fizer o que lhe mando, não terá o menor problema. Se não fizer... é a sua morte.

Um bom contacto visual. Nenhum enrubescimento do rosto ou do pescoço, nenhum movimento involuntário, nada, rigorosamente nada, que o traísse. Eu reconhecia com facilidade um vigarista. Conhecia a pose, a atitude. Usara-a eu próprio durante bastante tempo. Este tipo não era um vigarista. Era um assassino. Mas não era o primeiro assassino a ameaçar-me e lembrava-me de que, da última vez, me safara porque tinha refletido em vez de entrar em pânico.

— Vamos — disse ele.

Recuou um passo e ergueu a arma, permitindo-me vê-la no espelho. Parecia um revólver a sério: prateado, de cano curto. Desde o primeiro segundo que sabia que a ameaça era genuína, mas, ao ver a pequena e terrível arma no espelho, senti a pele a fervilhar de medo. O meu peito começou a apertar-se enquanto o coração acelerava. Estivera longe destas coisas demasiado tempo. Teria de me aguentar com a minha capacidade de pensar, mas também com o pânico. O revólver desapareceu no bolso interior do casaco. Com um gesto, apontou-me a porta. A conversa parecia ter acabado.

— Muito bem — disse eu.

Dois anos de Direito, dois anos e meio a trabalhar para um juiz e quase nove de prática de advocacia, e tudo o que o que eu conseguia dizer era «muito bem». Limpei as mãos ensaboadas à parte de trás das calças e passei os dedos pelo cabelo louro-sujo. Ele seguiu-me ao longo do café, agora vazio. Chegado à minha mesa, ergui o casaco da cadeira, vesti-o, enfiei cinco dólares sob a chávena de café e caminhei na direção da porta. O homem da cicatriz seguiu-me a uma curta distância.

O café do Ted era o meu local favorito para pensar. Não sei quantas estratégias para julgamentos definira naquelas mesas, cobertas com documentos médicos, fotos de feridas causadas por tiros e pareceres legais com manchas de café. Nos velhos tempos, não teria tomado o pequeno-almoço no mesmo sítio todos os dias. Era demasiado arriscado. Na minha nova vida, gostava da rotina do pequeno-almoço no café. Relaxara e deixara de andar desconfiado. Lamentável. Naquela manhã, uma vigilância apurada ter-me-ia sido muito útil: podia ter visto aquele tipo a entrar no Ted.

Ao sair do café para o coração da cidade, senti-me como se estivesse a entrar num local seguro. A rua fervilhava de gente que

chegava ao trabalho naquela manhã de segunda-feira; o passeio, sob os meus pés, dava-me uma sensação de tranquilidade. Aquele tipo não ia alvejar-me em plena cidade de Nova Iorque, na Rua Chambers, às 8h15 da manhã em frente de 30 testemunhas. Plantei-me à esquerda do café, na saída de uma loja de ferragens abandonada. Enquanto me perguntava que raio é que o tipo queria, senti a rispidez que o mês de novembro confere ao vento a avermelhar-me o rosto. Teria perdido o processo dele anos antes? Do que não havia dúvida era de que não me lembrava da cara. O homem da cicatriz juntou-se a mim ao pé da janela entaipada da velha loja. Estávamos tão colados que nenhum transeunte nos separaria. O rosto dele abriu-se num sorriso arreganhado, encurvando a cicatriz que lhe seccionava o rosto.

— Abra o casaco e veja lá dentro, Sr. Flynn.

Com umas mãos desajeitadas, inábeis, procurei nos bolsos e não encontrei nada. Abri inteiramente o casaco. No interior, vi o que parecia ser um rasgão, como se o forro de seda estivesse a romper-se. Não era nenhum rasgão. Demorei um momento a aperceber-me de que havia um fino casaco preto no interior do meu casaco, como uma outra camada de forro. Nunca o tinha visto. Aquele tipo devia ter enfiado as mangas desse casaco no meu enquanto eu estava na casa de banho. Fiz deslizar as mãos pela parte de trás e encontrei, muito lá em baixo, um nada acima da cintura, uma abertura de velcro. Puxando-o para que pudesse vê-lo, abri o bolso, enfiei a mão e encontrei um fio solto.

Puxei o fio, mas não era um fio de tecido. Era de plástico.

Um fio vermelho.

As minhas mãos seguiram-no até àquilo que parecia ser uma pequena caixa de plástico e mais fios, e, depois, até duas saliências finas, retangulares, de ambos os lados das costas do meu casaco.

Não conseguia respirar.

Eu trazia comigo uma bomba.

Ele não ia matar-me na Rua Chambers em frente de 30 testemunhas. Ia fazer-me explodir, só Deus sabia com quantas vítimas mais.

— Não fuja, ou faço detonar o mecanismo. Não chame as atenções. O meu nome é Arturas. — Pronunciou *Ar-toras*, mantendo o sorriso arreganhado.

Inspirei o cortante ar metálico e forcei-me a expirá-lo lentamente.

— Vá com calma — acrescentou Arturas.

— Que é que quer? — perguntei.

— O meu patrão contratou o seu escritório para o representar. Temos negócios que ficaram por tratar.

O meu medo esbateu-se um pouco: aquilo não tinha nada a ver comigo. Tinha a ver com a minha antiga sociedade de advogados e pareceu-me que seria fácil impingi-lo ao Jack Halloran. — Lamento, amigo. Já não é o meu escritório. Está a falar com o tipo errado. Para quem é que trabalha exatamente?

— Acho que conhece o nome. O Sr. Volchek.

Mas que merda. Ele tinha razão. Eu conhecia o nome, estava farto de o conhecer. Olek Volchek era o chefe da máfia russa. O meu antigo parceiro, Jack Halloran, concordara representar Volchek um mês antes de a nossa sociedade acabar. Quando o Jack pegou no caso, Volchek estava a aguardar julgamento por homicídio — um grande caso no submundo do crime. Eu nem tinha tempo para ver os papéis, quanto mais para conhecer Volchek. Consagrara todo o mês a defender Ted Berkley, um corretor, de uma alegada tentativa de rapto — o caso que me destroçou, completamente. Graças às repercussões desse caso, perdera a minha família e, depois, perdera-me numa garrafa de uísque. Abandonei o mundo das leis há quase um ano com aquilo que restava da minha alma, e o Jack não poderia ter ficado mais satisfeito por tomar conta da sociedade. Eu não punha os pés num tribunal desde que o júri pronunciara o seu veredito sobre Berkley, e não tencionava voltar tão cedo a esse universo. O Jack era outra história. Tinha problemas de jogo. Ouvira dizer há pouco tempo que tencionava vender a sociedade e deixar a cidade. O mais certo era ter ficado com dinheiro que o Volchek adiantara. Se a máfia russa não conseguia encontrar o Jack, então procurar-me-ia — para o devido reembolso. Daí o número da força bruta. Um tipo com uma bomba nas costas importa-se com o facto de estar falido? Eu arranjar-lhe-ia a porra do dinheiro. Não ia haver problema. Eu podia pagar àquele tipo. Ele não era um terrorista. Era um mafioso. Os mafiosos não fazem explodir pessoas que lhes devem dinheiro. Limitam-se a obrigá-las a pagar.

— Ouça, vocês precisam do Jack Halloran. Nunca, em toda a minha vida, vi o Sr. Volchek. O Jack e eu já não somos sócios. Mas não há problema; se quer que lhe pague a dívida, não me custa nada passar-lhe imediatamente um cheque.

Se o cheque tinha ou não cobertura, era outra questão. Havia pouco mais de 600 dólares na minha conta, tinha a renda atrasada e contas da clínica que não conseguia pagar, para além de não possuir rendimentos. As contas da clínica eram o principal problema, mas, com a quantidade de uísque que eu andava a beber, teria morrido se não tivesse ido para lá e pedido ajuda. Na terapia, dei-me conta de que não havia quantidade nenhuma de *Jack Daniel's* capaz de apagar a memória do que acontecera no caso Berkley. Tudo somado, ficara limpo do álcool e estava a duas semanas de obter um acordo final com os meus credores. A duas semanas de começar tudo de novo. Se os russos queriam mais umas quantas centenas de dólares, eu estava lixado — porreiro.

— O Sr. Volchek não quer o seu dinheiro. Pode ficar com ele. No fim de contas, vai merecê-lo — disse Arturas.

— Merecê-lo? Que história é essa? Ouça, eu já não sou advogado. Deixei de o ser há quase um ano. Não posso ajudá-lo. Devolve-rei o dinheiro que o Sr. Volchek pagou. Só lhe peço que me deixe tirar isto — disse eu, agarrado ao casaco, pronto para o arrancar.

— Não — disse ele. — Não está a perceber, senhor advogado. O Sr. Volchek quer que faça uma coisa por ele. Você será o seu advogado e ele vai pagar-lhe. E vai fazer isso. Caso contrário, não fará mais nada na sua vida.

A minha garganta retesou-se de pânico enquanto tentava falar. Isto não fazia o menor sentido. Tinha a certeza de que o Jack teria dito a Volchek que eu abandonara a profissão, que eu já não aguentava mais. Uma enorme limusina branca estacionou na berma. O brilho reluzente do metal devolveu o meu reflexo distorcido. O passageiro da porta de trás abriu-a, apagando a minha imagem. Arturas postou-se ao lado da porta aberta e acenou-me para que entrasse. Procurei acalmar-me; respirei fundo, abrandei o ritmo cardíaco, tentei desesperadamente não vomitar. As janelas fumadas da limusina espalhavam uma escuridão intensa no interior, como se o carro transbordasse de água negra.

Por um momento, tudo ficou incrivelmente quieto — era só eu e aquela porta aberta. Se fugisse, não iria longe — não era uma opção. Se entrasse no carro e me mantivesse perto de Arturas, sabia que ele não poderia detonar o mecanismo. Nesse momento, amaldiçoei-me por não ter mantido em forma as minhas capacidades. As mesmas que me haviam conservado vivo nas ruas durante

todos aqueles anos, que me tinham ajudado a vigarizar advogados de defesa que valiam milhões de dólares antes mesmo de ter passado por Direito, e as mesmas capacidades que me teriam permitido aperceber-me daquele tipo a três metros de mim, antes que ele se aproximasse.

Tomei a minha decisão e emergi num intricado túnel.

## CAPÍTULO 2

Senti a bomba a cravar-se na minha carne no instante em que me sentei.

Havia quatro homens na parte de trás da limusina, incluindo Arturas, que entrou a seguir a mim, fechou a porta e sentou-se à minha esquerda, exibindo ainda aquele desconcertante sorriso. Ouvia o motor a ronronar, mas continuávamos parados. O cheiro a fumo de charuto e a cabedal novo enchia-me o nariz. Mais vidro fumado separava o motorista da luxuosa parte de trás do veículo.

No chão, estava um saco desportivo de cabedal.

À minha direita, dois homens com sobretudos escuros atravancavam um assento concebido para seis pessoas. Eram monstruosamente grandes, como personagens de um conto de fadas. Um deles tinha cabelo louro comprido apanhado num rabo-de-cavalo. O outro cabelo castanho curto e um aspeto verdadeiramente colossal. A cabeça tinha o tamanho de uma bola de basquetebol. Comparado com ele, o tipo louro parecia um anão. Porém, o que mais me assustava no gigante era a sua expressão. O rosto daquele homem parecia vazio de toda e qualquer emoção ou sentimento. Tinha o temível aspeto de uma alma meio-morta. Um vigarista confia no seu instinto para identificar «indícios». Confia na sua capacidade de manipular emoções e reações humanas naturais, mas há uma classe de indivíduos que é imune aos gestos habituais, e qualquer vigarista é capaz de os identificar e sabe que o melhor é manter-se longe, muito longe, deles — psicopatas. O gigante de cabelo castanho parecia um psicopata saído de um manual de psiquiatria.

O tipo à minha frente era o velho Olek Volchek. Vestia um fato escuro com camisa branca, aberta no pescoço. Uma curta barba grisalha cobria-lhe o rosto — era da mesma cor do cabelo. Poderia ter um ar atraente, se não fosse a malevolência que lhe abrasava

os olhos e parecia afetar o seu aspeto bem-apegoado. Reconhecia-os dos jornais e da televisão: era um patrão da máfia, um assassino, um traficante de droga.

Mas certo como a morte é que não ia ser meu cliente.

Eu tinha lidado com pessoas como Volchek toda a minha vida, alguns amigos, outros inimigos, e mesmo clientes. Não me interessava se eram do Bronx, de Compton, de Miami ou de Little Odessa. Homens como este só respeitavam uma coisa — a força. Por muito apavorado que estivesse, não podia deixar que se ele se apercebesse disso — caso contrário, seria um homem morto.

— Não trabalho para pessoas que me ameaçam — disse eu.

— Não tem escolha, Sr. Flynn. Eu sou o seu novo cliente — disse Volchek. Não falava muito bem inglês e o sotaque era cerrado. — Por vezes, há azares que acontecem. Se quiser, pode culpar o Jack Halloran.

— Eu neste momento culpo-o pela maior parte das coisas. Porque é que ele não está a representá-lo? Onde está?

Volchek olhou de relance para Arturas, e, por um segundo, espelhou o indelével sorriso de Arturas, antes de olhar para mim.

— Quando o Jack Halloran pegou no meu caso, disse que era impossível defendê-lo — explicou. — Eu já sabia disso. Tinha tido quatro sociedades de advogados a estudar a situação antes dele. Ainda assim, o Jack era capaz de fazer coisas que os outros advogados não conseguiam. De maneira que lhe paguei e lhe dei um trabalho. Infelizmente, ele não foi capaz de cumprir a sua parte do contrato.

— Lamento imenso. Mas isso não tem nada a ver comigo — disse eu, esforçando-me para que a minha voz não parecesse nervosa.

— É aí que está enganado — disse Volchek. De uma cigareira de ouro que tinha a seu lado, tirou um pequeno charuto cor de chocolate, mordeu a ponta, acendeu-o e disse: — Há dois anos, encomendei ao Little Benny que despachasse um tipo chamado Mario Geraldo. O Benny fez o seu trabalho. Depois, foi apanhado pelo FBI e falou. No meu julgamento, o Benny fornecerá provas de que eu fui o autor da encomenda. Todos os advogados com quem falei me disseram que ele seria a estrela das testemunhas da acusação. As provas dele vão condenar-me. Não tenho a menor dúvida quanto a isso.

Começavam a doer-me os maxilares, tal era a força com que os cerrava.

— O Benny está sob custódia do FBI. Bem protegido e escondido. Nem mesmo os meus contactos conseguem encontrá-lo. Você, na qualidade de meu advogado, é a única pessoa que pode entrar em contacto com ele.

Baixou a voz e disse:

— Antes de interrogar o Benny, despe o seu casaco, e, quando o tribunal estiver vazio, nós colamos com fita adesiva a bomba debaixo do banco das testemunhas. O Benny senta-se e nós detonamos o mecanismo. Acaba-se o Benny, acaba-se o caso, acabam-se os problemas. *Você*, Sr. Flynn, é o bombista. Vai para a prisão. A acusação não terá provas bastantes para um novo julgamento e eu ficarei livre.

— Você é um filho da mãe dum louco — atirei.

Volchek de início não reagiu. Não teve um acesso de cólera, não me ameaçou. Limitou-se a ficar quieto por um momento, antes de inclinar a cabeça como se estivesse a examinar as suas opções. O único som que eu ouvia era o do meu coração rasgando-me o peito como uma navalha de ponta e mola. Fiquei a pensar que, se calhar, o meu comentário me ia valer uma bala. Não conseguia tirar os olhos de Volchek, mas sentia os olhos dos outros fixos em mim, num jeito quase trocista, como se eu fosse um tipo que tinha acabado de enfiar a mão num ninho de cobras.

— Olhe para isto antes de tomar uma decisão — disse Volchek, acenando para Arturas.

Este pegou no saco desportivo branco e abriu-o.

A cabeça do Jack estava lá dentro.

O meu estômago revolveu-se todo. A boca encheu-se de saliva. Tive ânsias de vômito, tapei a boca e tossi. Cuspi e fiz um esforço tremendo para me controlar e agarrei-me ao assento até sentir as unhas raspando o cabedal. Todos os traços de uma aparente calma tinham desaparecido por completo.

— Pensámos que o Jack seria capaz de fazer as coisas. Enganámo-nos. Mas consigo não vamos correr riscos, Sr. Flynn — disse Volchek, inclinando-se para a frente. — Temos a sua filha.

O tempo, a respiração, o sangue, o movimento — tudo parou.

— Se lhe tocam com um só dedo que seja...

Ele tirou um telemóvel do bolso das calças e teclou para que eu pudesse ver o ecrã. A Amy estava na esquina de uma rua escura, em

frente de um quiosque de jornais. A minha menina. Tinha apenas dez anos. Estava a vê-la algures em Nova Iorque, os braços apertados contra o peito por causa do frio, fitando desconfiada a câmara. Atrás dela, as manchetes dos jornais referiam o afundamento do cargueiro no rio Hudson, ocorrido sábado à noite.

Não me apercebera do suor que escorria pelo corpo; tinha a camisa empapada, tal como a cara e o cabelo, mas já não tinha medo. Estava-me completamente nas tintas para a bomba, o revólver, ou o par de gigantes mudos que me fitavam com os seus olhos mortos.

— Devolva-me a minha filha e eu deixo-o viver — disse.

Volchek e a sua equipa desataram a rir. Eles conheciam-me como Eddie Flynn, o advogado; não conheciam o velho Eddie Flynn: o carteirista, o arruaceiro, o artista da vigarice. Para dizer a verdade, eu próprio já quase o havia esquecido.

Volchek inclinou a cabeça antes de falar. Parecia estar a refletir cuidadosamente sobre cada palavra que ia dizer.

— A sua posição não lhe permite fazer ameaças. Tenha juízo. Se fizer o que eu lhe disser, nada acontecerá à sua filha — disse Volchek.

— Liberte-a! Não farei nada enquanto não souber que ela está em segurança. Mate-me, se quiser. De facto, é melhor que me mate, porque eu irei para o túmulo com os polegares enfiados nos seus olhos, se não a libertar neste exato momento.

Volchek puxou uma fumaça do charuto, abriu a boca, e, por um momento, apreciando o sabor, deixou que o fumo dançasse por sobre os seus lábios carnudos.

— A sua filha está em segurança. Apanhámo-la ontem, à saída da escola. Estava à espera do autocarro escolar. Pensa que os homens que estão a cuidar dela são seguranças que trabalham para si. A sua ex-mulher acha que a Amy está num passeio escolar, em Long Island. A escola pensa que ela está consigo. Não darão pela falta dela durante um ou dois dias. Se se recusar a cumprir as nossas ordens, mato-a. Mas isso será um alívio. A sua filha sofrerá se você não cooperar. Alguns dos meus homens...

Deteve-se deliberadamente, fazendo de conta que estava à procura da palavra certa, deixando que a minha imaginação construísse um pesadelo. Todo o meu corpo se retesou, como que preparando-se para responder a um ataque físico. Senti a adrenalina a invadir-me, impelida por uma torrente de fúria.

— Bom, é que alguns dos meus homens têm *uns appetites pouco normais* por meninas bonitas.

Atirei-me a Volchek. Antes de ter consciência daquilo em que me metera, já estava fora do meu banco. Confinado, sem o menor apoio, a cabeça baixa, mas enlouquecido de raiva, ainda consegui espetar uma violenta direita na face esquerda de Volchek. O charuto voou-lhe da boca imunda. A minha mão esquerda recuou e eu preparei-me para lhe dar um murro na garganta.

Antes que conseguisse dar este segundo murro, uma mão enorme pegou em mim e ergueu-me do chão. Virei-me e vi que fora o gigante psicopata que me agarrara. Estava prestes a dar-me o corretivo adequado a uma criança desnorteada quando os meus velhos hábitos foram mais fortes do que eu. Com toda a força, agarrei na cara dele com a minha mão direita, espetando as unhas na sua testa gorda. Era uma reação — e uma distração — automática, inconsciente. A minha mão esquerda enfiou-se no casaco do brutamontes e tirei-lhe a carteira. Demorou meio segundo. Rápido e eficaz. Afinal, apesar dos anos que tinham passado, não perdera grande coisa em termos de velocidade. Fora um roubo perfeitamente limpo. O brutamontes não deu por nada; estava demasiado ocupado a tentar arrancar-me a cabeça. Quando enfiei a carteira no meu bolso, um punho do tamanho de um prato surgiu diante da minha cara. Virei-me para não ficar com a cara esmigalhada e senti o impacto como lume na nuca. Caí, batendo com a cabeça no chão da limusina.

Deixei-me ficar prostrado. Sentia a dor rugindo dentro da cabeça. Em 15 anos, era a primeira carteira que roubava. Foi instintivo; aconteceu unicamente porque eu era quem era.

Não — porque eu sou quem *sou*.

As capacidades e técnicas que desenvolvera e usara como um artista do surripianço bem-sucedido — distração, desorientação, persuasão, sugestão, a carga, a investida, a passagem de um bolso para o outro, o largar a carteira num sítio para a ir buscar mais tarde — vinham da rua, mas eu também as usara nos tribunais nos últimos nove anos. Na realidade, eu não tinha mudado. A única coisa que mudara fora o tipo de surripianço.

Os meus olhos e a minha mente fecharam-se enquanto caía numa densa escuridão.

## CAPÍTULO 3

Acordei deitado em assentos de cabedal, cheio de dores na nuca. Um dos gorilas tinha um saco de gelo no meu pescoço. Era o brutamontes louro que parecia ter acabado de ser expulso de uma banda de *heavy metal* sueca. O cheiro doce e acre do charuto de Volchek encheu-me de náuseas. Imaginei que tinha pegado em mim e me atirara para o banco da limusina. Os meus olhos ardiavam um pouco por causa do fumo, mas demorei apenas um segundo a aperceber-me de que o gigante psicopata que me deixara sem sentidos já não estava no carro. Peguei no saco de gelo e larguei-o no chão.

— Agora estamos no tribunal — disse Arturas.

Soergui-me.

— Porque é que estamos no tribunal? — disse eu.

— Porque o julgamento do Sr. Volchek começa esta manhã — disse Arturas.

— Esta manhã? — perguntei eu. Recordei a imagem da minha filha no telemóvel de Volchek e senti a fúria agravando as dores na nuca e uma tensão de ferro nos meus músculos.

— O julgamento começa dentro de uma hora. Antes de entrar na sala, precisamos de saber que é capaz de fazer isto. Caso contrário, matamo-los a si e à sua família mais tarde — disse Arturas. Tirou do bolso o revólver e colocou-o no joelho fletido.

Depois passou-me um copo com um aspeto requintado. Lá dentro, rodopiava um líquido cor de urina. Cheirava a *bourbon*. Emborquei-o e senti um calor acre, familiar. Era a minha primeira bebida desde que saíra da clínica para alcoólicos. Por um segundo, pensei no dinheiro que ainda lhes devia, mas logo arredei tal ideia. Havia um tempo e um lugar para voltar a beber e aquele tempo e aquele lugar pareciam-me perfeitamente adequados. Estendi a mão para que Arturas me servisse mais, o que ele fez usando uma garrafa de cristal que fazia conjunto com o copo. Emborquei de novo a bebida

e desfrutei da sensação de calor. O álcool fez com que um arrepio se espalhasse pelo meu corpo. Sacudi a cabeça. Estava a tentar pôr as ideias em ordem, a cabeça num vendaval; não encontrei resposta nenhuma.

— Onde é que está a minha filha?

— Para já, está em segurança e toda contente — disse o Arturas. Serviu-me mais uma bebida. Rejeitei-a e comecei a pensar.

— Por que raio é que mataram o Jack? — perguntei.

Volchek acenou para Arturas; sentia-se bem por deixar que o seu lacaio me fornecesse os pormenores.

— Todos os advogados com quem falámos disseram que as provas do Benny condenariam Volchek. Portanto, fazia sentido matar o Benny; é uma solução simples, mas não conseguimos encontrá-lo. Nós... *convencemos* o Jack a usar o casaco, para que pudessemos matar o Benny em tribunal. Mas ele não era capaz de fazer isso.

Perguntei-me que tipo de persuasão haviam experimentado no Jack. Sem dúvida que o tinham torturado. Ele era um idiota e um viciado em jogo, mas fora o meu sócio, e, nesses anos, tornei-me menos rigoroso em relação a ele. O que quer que o Jack fosse, o certo é que ele não era tipo para andar com uma bomba. Para ele já era uma sorte andar com a pasta sem tropeçar nos seus próprios pés. Deviam ter feito das boas com ele.

— Porquê o Jack? — perguntei.

— Tinha de ser um certo tipo de advogado. Sabemos que você e o Jack criaram aquela sociedade com dinheiro emprestado ilegalmente. Ele precisava de dinheiro; os clientes começaram a deixar a sociedade depois de você sair e nós precisávamos de alguém que fosse capaz de passar com a bomba pela segurança. A segurança no tribunal é boa. Hoje, estará melhor do que o costume. Não podíamos meter uma bomba lá dentro; toda a gente que entra é revista e passa pelo detetor de metais e depois é revista de novo — toda a gente exceto você e o Jack. Sabemos disso. Vimo-los entrar no tribunal todos os dias durante meses. Nenhum dos dois foi revista. Nunca. Os seguranças deixavam-nos passar imediatamente — como velhos amigos. Dissemos ao Jack o mesmo que a si: ponha a bomba no casaco e não levante ondas.

Arturas recostou-se no seu assento e olhou de relance para Volchek. Era quase como se fossem um daqueles duos de luta

profissional; Arturas apresentara os factos, claros, simples. Com um ar contente, passou a parte intimidatória ao patrão.

— Jack esteve sentado exatamente onde você está agora, Sr. Flynn, há apenas três dias. Tinha o mesmo casaco, com a mesma bomba. Dissemos-lhe o mesmo que a si. Eu abri-lhe a porta do carro e ordenei-lhe que fosse e fizesse o seu trabalho — disse Volchek, baixando os olhos.

Ergueu a cabeça no meio de uma nuvem de fumo, o rosto enquadrado pela névoa cinzenta enquanto prosseguia.

— O Jack ficou paralisado. E desatou a tremer como um... como é que vocês dizem? Epilético? Como se estivesse a ter um ataque. O mijo escorria-lhe pela perna. Fechámos a porta e levámo-lo para o nosso sítio.

Puxou mais uma fumaça e parou a ver o brilho quente na ponta.

— Atei-o a uma cadeira. Disse-lhe que lhe matava a irmã se ele não fizesse o que eu mandava. Aqui o Victor — e apontou para o louro — trouxe-nos a irmã. Peguei na minha faca e golpeei-lhe a cara em frente dele. «*Agora já fazes?*», perguntei-lhe. Nada. Continuei a tratar dela com a minha faca e ele para ali, impávido e sereno.

Era quase como se um torno estivesse a apertar-me o peito. Aquele monstro tinha a minha menina. Um ruído sobressaltou-me um pouco; os nós dos meus dedos tinham estalado, tal era a tensão com que fechava o punho. Na outra mão, tinha o copo vazio de *bourbon*, e ainda pensei em espetá-lo no olho de Volchek. Decidi que era melhor não. O meu último confronto com ele acabara tão mal para mim que não queria mais experiências.

Ainda não.

— Percebo então que não podia confiar no Jack. Antes de o matar, achei que a irmã precisava de algum consolo, de alguma satisfação. Pus-lhe a faca na mão. Ajudei-a a esfaqueá-lo. E que facadas, e que facadas...

Um fogo diabólico ardia-lhe no olhar, banhando de luz os seus olhos. Parecia achar deliciosa tal recordação.

— O Jack estava completamente fora de si, de modo que lhe cortei a cabeça e a dei à irmã, antes de a matar também. Era corajosa. Nada como o irmão.

Olhei para o saco de ginástica no chão — agora, graças a Deus, fechado —, e pensei no Jack. A minha opinião voltou a premiar o ódio. Se pudesse, teria pontapeado a cabeça dele para as águas

do Hudson. Pura e simplesmente um pontapé. O Jack merecia estar no fundo do rio, ao pé daquele navio afundado.

— Não temos tempo para fazer experiências consigo — prosseguiu Arturas. — Entre já com a bomba, Sr. Flynn. Acalme-se. Lembre-se da sua filha. Entrar com a bomba é mais um passo que dá para se reunir a ela. Se for apanhado, vai para a prisão por tentar fazer explodir um edifício público. Apanha prisão perpétua, sem atenuantes. O que é que acha?

Achei que ele tinha razão. As pessoas que tentam fazer explodir edifícios públicos nesta cidade não costumam apanhar sentenças brandas. Estava a caminho de ser condenado a prisão perpétua — sem sombra de dúvida. O único toque de misericórdia seria o facto de levar a bomba porque eles tinham ameaçado a minha filha. A coação extrema não constitui uma defesa absoluta, mas poderia servir-me para evitar a perpétua.

Aquele sorriso asqueroso espalhou-se de novo pelo rosto de Arturas. Quase tinha a sensação de que ele conseguia adivinhar o que eu estava pensar. Volchek apagou o seu charuto e perscrutou-me através do fumo já débil. Achava que eram ambos homens implacáveis e inteligentes, mas cada qual tinha um tipo diferente de inteligência. Arturas parecia ser um conselheiro, o homem dos planos, que examinava as eventualidades e sopesava cuidadosamente os riscos — um pensador previdente. O patrão era muito diferente. Os movimentos de Volchek eram lentos e graciosos, como um grande gato na erva alta, preparando-se para atacar a presa; o seu intelecto era primário, instintivo — quase animal. Diziam-me os meus instintos que aqueles homens, acontecesse o que acontecesse, não me iam deixar viver para contar a minha história.

— Há muito tempo que não entro naquele edifício. O que é que os leva a pensar que vou poder passar hoje sem ser revistado?

— Conhece os seguranças e, mais importante, eles conhecem-no a si — disse Arturas. A voz dele soava agora mais alta. Inclinou-se para a frente para explicar o que queria dizer. — Há muito tempo que observamos este tribunal, advogado. Eu passei quase dois anos a planear isto ao mínimo pormenor. Quem quer que leve a bomba, tem de ser alguém em quem os guardas confiam, alguém que eles nunca esperariam que fizesse uma coisa dessas. Não há outra maneira de entrar com uma bomba naquele edifício. Eu próprio o observei entrando a correr, já atrasado, acenando para o guarda

na secretária. Quando passou pelos sensores, o alarme soou e eles não ligaram nenhuma. Fizeram-lhe sinal para que seguisse em frente. Você sempre conversou com os guardas. Eles conhecem-no. Até atendem as suas chamadas quando você não está disponível.

Eu nunca levava um telemóvel. Nunca me agradou a ideia de alguém ser capaz de detetar o sítio onde me encontrava graças ao telemóvel. Era uma ressaca dos velhos tempos de que nunca me libertara, apesar de o Jack me ter comprado vários telemóveis. Perdia-os a todos. Quando era advogado, passava a maior parte do dia no tribunal. Se alguém precisasse de mim com urgência, ligava para a cabina telefónica do átrio. Normalmente, os seguranças sabiam em que sala eu estava e passavam-me a chamada. Um garrafas de uísque para os tipos da segurança no Natal e uma *corbeille* para cada um no Dia de Ação de Graças eram um pequeno preço a pagar por esse tipo de ajuda.

As minhas ideias começaram a ficar ligeiramente mais claras.

— Porque é que não matam este tipo de outra forma qualquer? Um atirador furtivo podia abatê-lo durante a viagem até ao tribunal.

Arturas assentiu.

— Eu pensei nisso. Refleti acerca de todas as possibilidades. Não sabemos onde ele está nem como virá para o tribunal. Esta é a única forma. Pedimos a imensas sociedades de advogados que examinassem o caso. Essas firmas têm advogados espalhados por todos os tribunais da cidade. Vocês tinham quase todos os casos aqui, na Rua Chambers. Obviamente, conhece bem o pessoal que cá trabalha. Os outros advogados levam 900 dólares à hora. Acha que têm tempo para falar com um segurança? Não. Eu soube que teria de ser assim da primeira vez que os vi, a si e ao Jack, a passarem pela segurança e a fazerem disparar o alarme sem que ninguém ligasse peva. Foram vocês que me indicaram o caminho.

Arturas, aqui, era o cérebro. Este era claramente o seu plano. Parecia de algum modo um tipo distante, friamente racional, e imaginei que se comportaria assim mesmo quando tivesse de premir o gatilho. Podia dizer-se o contrário de Volchek. Embora parecesse calmo depois de eu o ter esmurrado, sentia que havia um monstro por detrás dessa pose contida, espreitando à superfície, pronto para se libertar a qualquer momento.

Pousei a cabeça nas mãos e respirei profunda e lentamente.

— Há mais uma coisa, Sr. Flynn — disse Volchek. — É bom que saiba que nós somos combatentes. Somos tipos orgulhosos. Somos a Bratva: significa irmandade. Eu confio neste homem. — Pôs a mão sobre o ombro de Arturas. — Mas há muita coisa que pode correr mal. Você tem de entrar com o casaco. A morte da sua filha está a uma chamada de distância. Você entrará. Eu sei que entrará. Também vejo em si um combatente. Não lute contra mim.

Fez uma pausa para acender outro charuto.

— O Arturas e eu chegámos a este país há 20 anos sem nada. Derramámos muito sangue para chegarmos onde chegámos e não fugiremos sem dar luta. Mas não somos estúpidos. Está previsto que o julgamento dure três dias. Damos-lhe dois. Não podemos arriscar mais. Dois dias para que o Little Benny se sente naquele banco e para que nós o possamos matar. Se ele não estiver morto antes das 16h00 de amanhã, não tenho alternativa. Quanto mais tempo o caso durar, maiores serão as probabilidades de o procurador tentar revogar a minha fiança. Quem me disse isso foi um daqueles advogados que custam 900 dólares à hora. E você é suficientemente inteligente para saber que eles têm razão.

Sim, eu já tinha presenciado casos desses. A maior parte dos procuradores não dispõe das provas mais contundentes durante a citação, quando o acusado apresenta o seu pedido de caução. As provas dos peritos e de ADN demoram o seu tempo a chegar. Porém, quando o julgamento começa, a acusação já tem tudo preparado, e, se o procurador obtém bons resultados com as provas, propõe ao juiz que revogue a caução. Isto, normalmente, determina o destino do réu. Basta apenas que o funcionário se atrase um pouco — o tempo exatamente necessário — para que o júri veja o réu já algemado. Quando os jurados veem as algemas, está tudo acabado — o júri condenará seja em que circunstâncias for.

Assenti ao que Volchek me dissera. Ele sabia que eu tinha experiência suficiente para conhecer as táticas da acusação, de modo que não fazia sentido estar a negá-lo.

Enquanto pronunciava o seu ultimato, Volchek esforçava-se por apagar da voz a brutalidade da sua verdadeira natureza.

— O tribunal ficou com o meu passaporte — faz parte dos termos da caução. Recebo mercadoria da Rússia três vezes ao ano. Vem num avião privado que aterriza num aeródromo comercial não muito longe daqui. Esse avião chega amanhã às 15h00 e parte às

18h00. Se o Benny ainda estiver vivo às 16h00, é sinal de que o seu tempo acabou, Sr. Flynn. Eu preciso de deixar o tribunal a essa hora para apanhar o avião. Aquele avião é a minha última oportunidade de deixar os Estados Unidos. Eu quero ficar. Eu quero lutar. O Little Benny tem de morrer amanhã antes das 16h00. Caso contrário, mato-os a si e à sua filha. Compreenda que, quando lhe digo isto, estou a falar muito a sério. É um juramento solene.

Apertei com tal força o copo de uísque que acabei por parti-lo.

Senti-me como se estivesse a cair. O meu corpo afundou-se no banco, o meu maxilar tremia e cerrei os dentes para que não batessem uns contra os outros. Sangue deslizava de um corte na palma da minha mão, mas eu não sentia a dor. Não conseguia mexer-me. Não conseguia pensar. A minha respiração era um gemido breve e sumido. Se alguma coisa acontecesse à Amy, o sofrimento matar-me-ia. A mera ideia de uma tal agonia era como fogo no meu cérebro, nos meus músculos, no meu coração. A minha mulher, a Christine, sofrera muito comigo: as longas horas no escritório, as chamadas às três da manhã das esquadras da polícia porque os bófiás tinham detido um dos meus clientes, os jantares a que eu faltava, as desculpas que arranjava para mim mesmo, dizendo-me que fazia tudo aquilo por ela e pela Amy. Há um ano, quando comecei a beber, ela pôs-me na rua. Eu perdera uma das melhores coisas que jamais tivera. E se perdesse a nossa filha? Era um horror que eu nem sequer me atrevia a imaginar.

Vinda não sei de onde, ouvi a voz do meu pai, o homem que me ensinara a arte da burla, o homem que me dissera o que fazer se alguma vez fosse apanhado — *aconteça o que acontecer, aguenta-te e mantém-te calmo.*

Fechei os olhos e, silenciosamente, rezei: *Meu Deus, ajuda-me. Por favor, ajuda a minha menina. Eu amo-a tanto.*

Limpei os olhos antes que as lágrimas viessem, funguei, e fiz passar as funcionalidades do menu do meu relógio digital. Depois do despertador, vinha o cronómetro. Fixei-o na contagem decrescente.

— Tem de tomar uma decisão, advogado — disse Arturas, manejando o revólver.

— Eu faço o que querem. Só lhes peço que não façam mal à Amy. Ela só tem dez anos — disse eu.

Volchek e Arturas olharam um para o outro.

— Muito bem — disse Arturas. — Vá e espere por mim no átrio, depois de ter passado a segurança.

— *Se* eu conseguir passar a segurança...

— Quer que ponha a sua filha a rezar por si? — disse Volchek.

Não respondi. Saí da limusina. O olhar de Arturas fixou-se em mim mal pisei o passeio.

— Não se esqueça. Nós estamos a vigiá-lo e há homens a vigiar a sua filha — disse Arturas.

Aquiesci e disse:

— Eu não vou dar luta.

Estava a mentir.

Tal como eles estavam a mentir-me. Dissessem o que dissessem, promettessem o que promettessem, amanhã às 16h00 horas, mesmo que Benny mais não fosse do que uma mancha no teto da sala do tribunal, eles não libertariam a Amy. Iam matar-nos, a mim e à minha menina.

Eu tinha 31 horas.

Trinta e uma horas para enganar a máfia russa e recuperar a minha filha. E não tinha a menor ideia de como fazê-lo.

Vesti o sobretudo. Abotoei-o, ergui a gola e encaminhei-me na direção do tribunal. Nos meus ouvidos soava ainda, num tom brando, a voz do meu pai — *aguenta-te e mantém-te calmo*. A minha mão tinha parado de sangrar. O ar parecia ainda mais frio agora; era como se a minha respiração congelasse e caísse à minha frente. Mal se esbateu a névoa fria, vi algo que nunca vira em nove anos de prática diária naquele tribunal — uma fila de talvez cerca de 40 pessoas, incluindo repórteres, advogados, testemunhas, réus e equipas de TV, todas elas à espera de passar pela segurança.

## CAPÍTULO 4

Há uma estranha sensação elétrica no início de um julgamento importante. Quando ocupei o meu lugar no final da fila, senti a excitação que se desprendia da multidão, como o calor bruxuleando numa distante faixa de asfalto algures no Texas. Algumas das pessoas traziam o *New York Times*. Vi a primeira página nos braços do homem que ocupava o primeiro lugar na fila. O grande destaque era Volchek: uma fotografia e a manchete COMEÇA O JULGAMENTO DA MÁFIA RUSSA. O tipo que estava à frente desse pareceu-me um repórter criminal. Talvez *freelance*, talvez ligado a um jornal. Dava para perceber quem ele era a uma milha de distância: um fato de má qualidade, um corte de cabelo às três pancadas e manchas de nicotina nos dedos que diziam que era uma chaminé a fumar. Enfie a cabeça na gola do meu sobretudo e tentei não olhar para ele.

O tribunal da Rua Chambers era um velho edifício ao estilo gótico vitoriano, viciado em esteroides. Vinte e uma salas de tribunal espalhavam-se por dezanove pisos.

Contei 20 pessoas à minha frente.

O tribunal saudava os visitantes com uma escadaria de 15 metros de largo conduzindo a uma fila de colunas coríntias, que abrigavam um átrio degradado e que fora decorado pela última vez nos anos 1960. Enquanto subíamos lentamente os degraus, mais pessoas se puseram na fila atrás de mim. Por razão nenhuma, dei uma olhadela para o átrio. Sobre uma fila de plintos, viam-se estátuas, bustos de antigos presidentes e dos primeiros juizes de Nova Iorque, mas o tempo e os elementos não tinham poupado o velho edifício.

Quando subi o último degrau, senti o suor a escorrer-me pela cara. Tinha a camisa colada às costas, o que me tornava ainda mais sensível à presença da bomba. Sentia-a como algo quente e estranho. Contei apenas 12 pessoas à minha frente.

Entrar na sala do tribunal sem ser revistado parecia-me agora uma possibilidade ainda mais remota do que na limusina. Sem a retirar conscientemente do meu bolso, apercebi-me de súbito de que tinha a minha caneta na mão direita. Enquanto avançava lentamente na direção da entrada, num gesto ausente, fiz girar a caneta entre os meus dedos. Muitas vezes dava por mim a fazer isto de forma inconsciente. De algum modo, ajudava-me a pensar. A caneta fora uma prenda da Amy.

Na altura, sentira-a como uma prenda de despedida. Quando bebia, raramente ia a casa. Cerca de uma semana antes do Dia do Pai, a Christine decidiu que eu devia deixar a casa e que a Amy tinha o direito de saber. A Christine disse-me que já não reconhecia o homem com quem se casara e que era melhor para a nossa filha não ter de assistir por mais tempo ao declínio do pai.

Os miúdos são espertos e a Amy é mais esperta do que a maior parte. Percebeu logo que havia algo de mau no horizonte quando nos viu à porta do seu quarto. Apanhara com uma bandolete o longo cabelo louro para que não lhe caísse para os olhos enquanto trabalhava ao computador. Como de costume, usava o seu blusão de ganga favorito sobre o casaco de pijama; só quando estava a dormir ou na escola é que ela não usava aquele blusão, coberto de *pins* com rostos sorridentes e logotipos de bandas *rock*. Poupara a sua semanada durante um mês para o comprar numa loja barata e depois tratara de o decorar ao seu estilo muito pessoal. Olhei-a fixamente por um bocado — ambos olhámos. Antes que pudéssemos dizer o que quer que fosse, ela largou o portátil e chorou. Não precisávamos de lhe dizer nada. Ela intuía o que se iria passar muito tempo antes. Fez as perguntas usuais: Quanto tempo é que eu estaria fora? Era permanente? Porque é que não podíamos ficar juntos — só isso, ficar juntos? Eu não tinha resposta nenhuma. Sentei-me na cama ao lado dela, abracei-a e tentei ser forte. Em vez disso, senti-me envergonhado. Olhando para o portátil, reparei que ela estava a ver um site que vendia canetas gravadas e selecionara uma com a inscrição O MELHOR PAI DO MUNDO.

A caneta parou na minha mão, a mesma que a Amy me tinha dado logo após eu ter deixado a casa. Olhei de relance para a única palavra gravada na ponta de alumínio polido — PAI. Quase me destroçava o coração lê-la. Enfiei a caneta no bolso das calças e atentei na fila.

Dez pessoas à minha frente.

Um zunido de maquinaria pesada chamou a minha atenção para o teto do tribunal. O presidente da câmara autorizara um extensivo restauro externo do tribunal, e um enorme andaime suspenso pairava do teto, embalando os pedreiros a cerca de quatro pisos acima. Do átrio, era difícil distinguir os operários, mas, mesmo àquela distância, via-se nitidamente o andaime balouçando com suavidade ao sabor do vento. Estavam a limpar a porcaria que se acumulara na pedra e a restaurar a ornamentação que os elementos não haviam poupado. As firmas de construção civil queriam deitar abaixo o tribunal e mudá-lo para um edifício mais barato. Como o presidente da câmara fora advogado, não tardou a surgir uma petição para obter o apoio dos vereadores mais influentes na matéria. O tribunal podia ficar onde estava, mas restaurariam o exterior e deixariam que o interior continuasse a degradar-se. Nova Iorque, por vezes, era assim — contentava-se em polir o exterior, as aparências, que, desse modo, ocultavam um cadáver putrefacto na cave. A verdade é que o tribunal da Rua Chambers tinha um valor histórico, visto que fora o primeiro a funcionar à noite nos Estados Unidos. O seu tribunal noturno é o mais importante da cidade. Todos os acusados têm de ser presentes a um juiz dentro de, no máximo, 24 horas. Com 300 detenções diárias só em Manhattan, era preciso um tribunal que funcionasse entre as 5h00 da tarde e a 1h00 da manhã. Quando a recessão se tornou uma realidade palpável, o crime na cidade subiu em flecha. Agora o tribunal da Rua Chambers funcionava 24 horas por dia. Ali, a justiça não dormia. Nos últimos dois anos, nunca fechara as suas portas.

À medida que a fila avançava lentamente, comecei a ouvir um ou outro *bip* do equipamento de segurança. Por sorte, conhecia bem os seguranças. Um dos segredos do êxito de um litígio era conhecer a equipa do tribunal — todos os seus membros. Nunca se sabe quando se precisa de um favor — um fax urgente, um cliente instável que queremos localizar, trocos para a máquina do café, ou, no meu caso, alguém que me ligasse quando tinha uma chamada urgente na cabina telefónica do átrio.

Oito pessoas à minha frente.

Espreitei para lá dos ombros do repórter para ter melhor vista da segurança do átrio. O Barry e o Edgar estavam à entrada. Na maior parte dos tribunais de Nova Iorque, os seguranças são na realidade

agentes da Polícia. Só são seguranças de nome. Têm armas e vestem uniformes. Podem deter-nos, prender-nos, e, se constituirmos uma ameaça séria, podem lixar-nos para toda a vida.

O Barry estava atrás do *scanner* das malas, recolhendo numa bandeja telemóveis, chaves, carteiras e malas e passando-os pelos raios X do *scanner*, enquanto as pessoas passavam sob o arco do detetor de metais, na esperança de não ouvirem nenhum *bip*. Edgar revistava-as, retirava coisas esquecidas que eventualmente podiam ser perigosas e voltava a passá-las pelo arco cinzento, até se dar por satisfeito.

Para lá destes dois seguranças, vi um guarda jovem, de cabelos claros, que não reconheci. Atrás dele, vislumbrei um quarto guarda. Estava plantado para aí uns três metros após a entrada da segurança, com as mãos pousadas na cartucheira, os polegares enfiados atrás do cabedal, os braços pairando sobre a barriga inchada. Não era invulgar haver um segurança extra no átrio — um apoio suplementar, por precaução. Não conseguia identificar aquele tipo; tinha bigode e uns olhos pretos pequenos que faziam lembrar os de um porco. Embora não me recordasse de o ter visto antes, concluí que devíamos conhecer-nos, dado que era notório que me reconhecia. Barry, Edgar e o puto novo estavam concentrados em examinar as pessoas na frente da fila. O guarda gordo não tirava os olhos de mim.

Seis pessoas entre mim e a segurança.

Limpei o suor dos olhos.

Se aguardasse na fila, seria submetido ao mesmo tratamento que todos os outros. Tentei lembrar-me de como é que normalmente atuava. Para mim, entrar naquele edifício fora em tempos como lavar os dentes; fizera-o todas as manhãs, mas não conseguia lembrar-me de nada, rigorosamente nada. Como é que eu fazia? Passava descontraído pela segurança? Aguardava como todas as outras pessoas, até que os guardas me acenassem para passar? Ali parado na fila, com as mãos a tremer e a boca seca e amarga, sentia-me próximo do pânico. Não conseguia lembrar-me de nenhuma ocasião em que tivesse passado por aquelas portas.

Só quatro pessoas à minha frente.

A bomba parecia-me maior e mais pesada a cada passo que dava. O guarda gordo continuava de olhos fixos em mim. Talvez eu estivesse a emitir todos os sinais de aviso que aqueles tipos estão

preparados para detetar. Desde o 11 de Setembro, toda a gente envolvida, mesmo remotamente, na aplicação da lei é treinada para reconhecer uma potencial ameaça terrorista.

Pensei na Amy secando as lágrimas no pijama, suplicando-me que não me fosse embora.

Não. Eu estava prestes a trair a minha filha. Tomei instantaneamente uma decisão. Os terroristas não passam à frente dos outros numa fila. Querem misturar-se e passar despercebidos. Decidi assumir uma atitude ousada e arrogante e ser tão chato e espalhafatoso quanto possível, na esperança de que o guarda gordo pensasse que eu era apenas um idiota e não um potencial bombista.

As pessoas invetivaram-me quando me viram passar à frente. Ouvei o repórter murmurar um «imbecil». O meu coração desatou a bater cada vez mais rápido à medida que me ia chegando à frente da fila.

— Olá, Barry. Deixa-me passar rapidamente. Estou atrasado para o meu triunfal regresso — disse eu, enquanto passava pelo detetor de metais, fazendo soar um tremendo *bip*. Se calhar era tão ruidoso como todos os outros, mas, a mim, parecia-me ensurdecedor. Olhei para o guarda gordo. Não se tinha mexido. Limitava-se a olhar para mim. O Edgar, por sua vez, estava concentrado em revistar um homem na frente da fila.

— Eddie! — disse o Barry. Levantou-se do seu banco no ecrã do *scanner* e, com um passo lento, deu a volta à máquina. — Preciso de falar contigo, é só um segundo.

Apressei o passo e avancei na direcção do corredor, mas o jovem guarda louro ergueu os braços para me impedir de passar. Manteve os braços assim, na posição de crucificado, e demorei um pouco a perceber que ele queria que eu adotasse a mesma posição — para que me pudesse revistar. Mantive os braços caídos.

O guarda gordo começou a andar na nossa direcção. Tinham-me apanhado?

Pensei em fugir. Afastar toda a gente do meu caminho e disparar para lá da multidão em direcção à rua. Atrás de mim, um tipo enorme, barbudo, estava plantado à porta, bloqueando tudo, inclusive a maior parte da luz do dia. Impossível passar por ele. Reprimi o impulso para fugir e as minhas pernas começaram a tremer.

— Eh, miúdo, normalmente têm de me oferecer o jantar para eu me submeter a isso — disse eu.

— Só estou a pedir-lhe que erga os braços. Preciso de fazer uma revista rápida.

— Ouve, miúdo, eu tenho de desandar já daqui para fora. Nunca te vi, mas confia em mim: eu vivi praticamente aqui durante dez anos. Sou advogado. Pergunta ao Barry — disse eu, tentando passar por ele.

A sua palma da mão aberta pairava uns escassos centímetros sobre o coice da *Beretta*; fletiu os dedos como se fosse um mau ator num velho *western*.

Fiquei paralisado.

— O quê? Estás a sugerir que eu puxe da minha arma, cowboy?

Sentia que, atrás de mim, havia pessoas que se estavam a afastar. Tudo desabaria num abrir e fechar de olhos, graças a uma loja de *donuts* ambulante e a um puto estúpido que apenas queria fazer o seu trabalho.

— Hank, deixa o Eddie passar — disse o Barry, aproximando-se para me salvar.

Hank baixou os braços, revirou os olhos e afastou-se. O guarda gordo parou e cruzou os braços por cima da barriga.

O Barry acenou-me com um dedo reprovador, riu-se e disse:

— Com esse filho da mãe do São Cristóvão, qualquer dia ainda te fazem uma revista a todos os orifícios.

*Como era possível que eu me tivesse esquecido disso?*, pensei. Abrindo um botão extra da minha camisa, puxei pelo fio de prata. Ri-me nervosamente, antes de fazer balouçar a medalha de ouro branco de São Cristóvão.

Num ápice, lembrei-me de tudo.

Quando iniciei a minha carreira e comecei a representar clientes naquele tribunal, fazia disparar o alarme todos os dias. O Barry, o Edgar e outros revistavam-me, não encontravam nada, e, depois, mandavam-me passar de novo pelo *scanner* — para ouvirem novamente o *bip*. Eu tinha aquela medalha num fio desde a minha adolescência. Nunca a tirava; era como um membro extra. Nem me ocorria que a tinha comigo. Enquanto os guardas me perguntavam se tinha uma placa de aço na perna e eu despia a maior parte da roupa e eles coçavam a cabeça, incrédulos perante o facto de o *bip* continuar, a fila ia crescendo cada vez mais. Foi o Barry quem, numa manhã chuvosa de quarta-feira, finalmente encontrou o fio. Não me lembrava de me terem revistado de novo. Apesar do *bip*,

seguia em frente, e, se um guarda se dava ao trabalho de abandonar o seu posto para me revistar, eu tirava o fio e mostrava-lho enquanto avançava. Mesmo depois do 11 de Setembro, ninguém me revistava. Por essa altura, eu era já uma cara conhecida; estava no tribunal todos os dias. Revistar-me seria igual a revistar os juízes. Tinha mesmo defendido uns quantos guardas. Começaram a ver-me como um amigo, uma presença indissociável daquele tribunal. Não havia necessidade de revistar um amigo. Devia ter sido a adrenalina, o confronto com o choque da minha situação, a bebida ou o murro que o brutamontes russo me dera, mas, por alguma razão, só me lembrei da medalha quando o Barry a mencionou.

— Não sabes quem é este tipo? — disse o Barry. — É o Sr. Eddie Flynn. Ah, claro, tu estás cá há pouco tempo. Este tipo é o melhor advogado de Nova Iorque. Cuida dele que ele cuidará de ti. Se ele precisar de alguma coisa, telefona-me.

Num jeito relutante, Hank assentiu e virou-se para as pessoas atrás de mim para que passassem pelo detetor de metais. Ou muito me enganava ou o Barry usava todos os minutos de todos os seus turnos a rebaixar aquele puto.

Vi o guarda gordo virar-se e afastar-se.

Fora por um triz, por menos de um triz.

— Barry, tenho mesmo de ir, pá. Estou tão atrasado. Estou no julgamento da máfia que começa esta manhã e nem sequer sei qual é o meu tribunal.

— Não sabia que representavas essa ralé. De qualquer modo, estás com sorte: a juíza Pike preside ao julgamento e ainda está a tomar o pequeno-almoço. O Edgar e eu temos de ir buscá-la daqui a um quarto de hora. Desculpa lá esta história com o puto. Tenho tentado ensinar-lhe alguma coisa, mas ele é demasiado estúpido para aprender. Mas agora vem cá falar comigo — é só um segundo.

Olhando à minha volta, não via ninguém da equipa de Volchek na fila. Mas eles podiam ter outros olhos que eu ainda não conhecia. Os meus ouvidos ressoavam com o som da minha pulsação. Não sabia o que o Barry queria. *E se o Jack lhe tivesse dado a entender alguma coisa? E se os russos me vissem a falar baixinho com um segurança?*

Tinha de falar com o Barry. Se não o fizesse, ele concluiria que se passava algo de grave.

— Claro — disse eu, a cabeça rodando em todas as direções enquanto nos encaminhávamos para um recanto do átrio. Com um gesto, o Barry pediu-me que me aproximasse.

— É sobre o Terry — disse ele. — Quer falar contigo sobre aquele caso dele — a lesão por esforço repetitivo. — Agradei silenciosamente a Deus. O Barry queria simplesmente que eu não levasse nada ao seu colega. Gostava do Barry. Estava na casa dos 60 e próximo da reforma, um ex-polícia que queria apenas sentar-se atrás de uma máquina de raios X até acabar o turno e, depois, seguir para o bar.

— O Terry está com o Hollinger e o Dunne, que lhe custam uma fortuna. Disse-lhe para ir falar contigo quando a coisa começou, mas ele queria os advogados do sindicato. Não consegui dissuadi-lo. Já lhe levaram 60 mil dólares e só foi visto por um médico. Podes dar uma olhadela ao caso dele?

Nesse momento, teria dado ao Terry um beijo e um jantar de sete pratos no Ritz, se isso significasse ver-me livre da segurança — não me ralava nada não receber um cêntimo por um caso de lesão por esforço repetitivo.

— Diz-lhe que eu o represento de graça — disse eu.

O Barry sorriu.

— OK, eu digo-lhe. Vou ligar-lhe já. Ele está no 12.

— Ouve, Barry, tenho mesmo de dar corda aos sapatos.

— Tudo bem. E obrigado. Vou dizer já ao Terry. Ele vai ficar banzado.

Escapei-me ao feitiço do Barry mais depressa do que desejaria, e ele voltou num ápice para o seu banco atrás do *scanner*.

Sim, agora eu já estava lá dentro.

Virando-me, encostei-me ao mármore frio e senti a bomba colada à minha espinha enquanto ocupava o meu lugar na fila das pessoas que já tinham passado pela entrada.

De acordo com o meu relógio, eram 9h30. Tínhamos talvez meia hora antes de o julgamento começar.

Arturas passou pela segurança e depois ergueu uma mala bastante grande que passara pelo *scanner* de raios X. Pô-la no chão e fê-la deslizar sobre as rodas.

— Um belo número — disse ele.

Não lhe disse nada. Ele esticou o braço atrás de mim e carregou no botão do elevador.

As portas abriram-se e eu carreguei no botão do 14.º piso, onde ficava o tribunal 16. Arturas carregou no botão do piso mais alto, o 19.º.

— Estamos no tribunal 16. É no 14.º piso — disse eu.

— Nós temos uma sala lá em cima. Precisa de mudar de roupa para o julgamento — disse Arturas.

As portas fecharam-se e eu ouvi o barulho do contrapeso enquanto, lentamente, começávamos a subir.

**De vigarista a advogado,  
De bêbedo e mentiroso a pai de família.  
Queria este homem ao seu lado para o defender em tribunal?**

Há mais de um ano que Eddie Flynn prometeu a si mesmo não voltar a entrar numa sala de audiências. Mas agora não tem alternativa. Olek Volchek, o chefe da máfia russa nova-iorquina, quer obrigar Eddie a representá-lo num julgamento por homicídio impossível de vencer.

**EDDIE FLYNN TEM 31 HORAS PARA...**

- defender o seu novo cliente da acusação de homicídio;
- resgatar a filha, Amy, de dez anos, raptada pelos criminosos;
- salvar a própria vida, ameaçada pela bomba que traz presa ao casaco.

Sob o olhar atento dos *media* e do FBI, Eddie tem de usar a sua inteligência e todos os truques do passado para defender o seu cliente e garantir a segurança da filha.

Com o temporizador da bomba a contar, conseguirá Eddie convencer o júri e salvar a sua vida e a de Amy?

---

«Lê-se como um drama judicial que Lee Child poderia ter escrito...  
Este é um thriller de ritmo alucinante que arranca a toda a velocidade  
e não olha para trás até à travagem final, 336 páginas mais à frente.»

*Irish Times*



Veja o vídeo de  
apresentação  
deste livro.

[www.topseller.pt](http://www.topseller.pt)

**TOP  
SEL  
LER**

os livros em primeiro lugar

2020 editor

ISBN 978-989-707-009-9



9 789897 070099

Thriller